

Os Usos e os Significados nos Espaços Públicos de Lazer em Pelotas/RS para seus frequentadores – Praça Cel. Pedro Osório e Avenida Dom Joaquim¹

Ivone dos Passos Maio – Universidade Federal de Pelotas/ Faculdades de Taquara²

Renata Brauner Ferreira – Universidade Federal de Pelotas³

Amanda da Costa Moura- Universidade Federal de Pelotas⁴

Cássia Vasquez - Universidade Federal de Pelotas⁵

Gabriela Lamas Soca Bernardi - Universidade Federal de Pelotas⁶

Thayse Soares Fernandes Ribeiro - Universidade Federal de Pelotas⁷

Resumo

Este artigo comunica os primeiros dados de um estudo sobre os usos e significados atribuídos aos espaços públicos de lazer da cidade de Pelotas pelos seus frequentadores – moradores e turistas. Para isso, busca compreender a importância destes espaços no lazer urbano pela sua gratuidade, dimensão coletiva e como forma de reforçar os laços de amizade e de pertencimento. O grupo de pesquisa lança mão da pesquisa etnográfica para compreender a dinâmica de apropriação destes espaços – no caso aqui representados pela Praça Coronel Pedro Osório e Avenida Dom Joaquim.

Palavras-chave

Espaço público – Lazer – Turismo – Etnografia – Pelotas/RS.

Introdução

A partir de discussões sobre a potencialidade turística e de lazer da cidade de Pelotas nós, um grupo de alunos e professores do Curso de Turismo da Universidade Federal de Pelotas, passa a se debruçar sobre as possibilidades de lazer que a cidade oferece especialmente aquelas privilegiadas pelo domínio público. A leitura do livro de Krippendorf (2001), *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*, começou a nos dar algumas pistas da relevância de estudar o lazer urbano uma

¹ Trabalho apresentado ao GT “Turismo, Antropologia e Inovação” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 27 e 28 de junho de 2008.

² Bacharel e Mestre em Turismo. Professora Substituta do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas e Professora do Bacharelado em Turismo das Faculdades de Taquara. zimaio@gmail.com

³ Bacharel e Mestre em História. Professora Assistente do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas.

⁴ Aluna do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas, integrante do Grupo de Pesquisa: Turismo e Lazer nos Espaços Públicos da cidade de Pelotas/RS.

⁵ Aluna do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas, integrante do Grupo de Pesquisa: Turismo e Lazer nos Espaços Públicos da cidade de Pelotas/RS.

⁶ Aluna do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas, integrante do Grupo de Pesquisa: Turismo e Lazer nos Espaços Públicos da cidade de Pelotas/RS.

⁷ Aluna do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas, integrante do Grupo de Pesquisa: Turismo e Lazer nos Espaços Públicos da cidade de Pelotas/RS.

vez que o autor considera que o homem é indivisível – não há o homem *cotidiano* e o homem *férias*. O lazer do dia-a-dia está dentro do cotidiano, mas para Krippendorf, ele influencia sobremaneira aquilo que buscamos no anticotidiano, ou seja, nas viagens. Para o autor, a necessidade (ou obrigatoriedade) das viagens na modernidade vem em grande parte da fuga de um cotidiano cinza.

Por outro lado, pensamos também junto com autores como Castrogiovanni (1999) e Gastal (1999) que destacam a multiplicidade cultural e de lazer que as cidades oferecem, tornando-as inclusive os grandes destinos turísticos atuais em todo o mundo.

O tema lazer na cidade de Pelotas tornou-se grande demais, mas percebemos que poderia ser feito um recorte e dedicar uma investigação sobre o tema unindo em um Grupo de Pesquisa alunos e professores do Curso de Turismo.

Para especificar a questão do lazer optamos por eleger espaços públicos de lazer que oferecessem livre acesso a moradores e turistas e a partir de um “olhar de perto e de dentro”, como propõe Magnani (2002), porém sem perder a distância necessária para apreendermos as diversas forças que interagem, propomos então, o estudo dos usos, dos significados, das apropriações a partir do olhar dos frequentadores em dois espaços públicos de Pelotas, a Praça Coronel Pedro Osório e a Avenida Dom Joaquim.

Este artigo pretende comunicar o início desta pesquisa, expondo o caminho percorrido até agora com o apoio teórico de referências do turismo, do lazer, de estudos sobre a cidade e o apoio imprescindível da Antropologia para o método etnográfico.

Os espaços públicos de lazer – pontos de encontro para residentes e turistas

Saldanha (2005) faz uma reflexão interessante sobre os domínios da vida pública e os da vida privada. O autor escolhe o jardim e a praça como metáforas para tal análise. A praça é vista como expressão máxima do público, do que é coletivo. Para o autor, a praça representaria o “desligamento em relação à moradia privada” (p.15). Para ele, o espaço das praças nas cidades liga-se ao “espaço comum – no sentido ‘comunitário’ do termo -, ao âmbito político, à finalidade econômica, à dimensão religiosa ou militar da vida social (SALDANHA 2005, p.15).

A praça seria o espaço de “viver de todos (ou com todos)” em contraposição ao jardim, local privado de “viver consigo mesmo”, ou de “viver

pessoal”.

Krippendorf (2001) faz crítica contundente sobre a falta de qualidade de vida nas cidades. Segundo este autor, “as cidades não se preocupam muito com o lazer nem com as necessidades de relaxamento dos seus habitantes. A maioria são cidades de trabalho, incompatíveis com uma vida plena” (p.37). O autor também atenta para o crescimento desenfreado da urbanização que limita os espaços verdes para fins recreativos e de lazer.

Rolnik (2000) também defende que os espaços públicos destinados ao lazer humanizam as cidades, porém para a autora, a lógica dominante privilegia a privatização do lazer.

Na verdade, o espaço público vai diminuindo ao ser capturado e privatizado, restando apenas e tão somente aquele necessário para a circulação de mercadorias (...); esvazia-se a dimensão coletiva e o uso multifuncional do espaço público, da rua, do lugar de ficar, de encontro, de prazer, de fazer, de festa, de circo, de espetáculo, de venda (*ibidem* p.182)

Medeiros (1975), ainda no início da década de 1970, apontava para a velocidade das mudanças tecnológicas e comunicacionais e como isso afetava grandemente as cidades. A autora chama a atenção para a necessidade do planejamento urbano que contemple áreas públicas para fins de lazer e recreação, uma vez que o capital toma conta dos espaços para seus próprios interesses e rapidamente zonas mais ou menos distantes dos centros tinham os valores dos terrenos lançados nas alturas.

Outras vezes, o *progresso* (grifo do autor) as atinge (algumas zonas) sob forma de especulação desenfreada, que as retalha em lotes de dimensões ridículas, com arruamento estreito e escolas sem pátio de recreio, não deixando lugar para o que não traga lucro imediato. (MEDEIROS 1975, p.64)

A autora defende ainda que houve a democratização do lazer, conseqüência da delimitação das horas de trabalho, do aumento do tempo livre, do desenvolvimento da comunicação e do transporte e grande incremento das diferentes formas de lazer, como a televisão, o maior acesso à leitura, às viagens, etc. Porém, ela enfatiza que o modelo atual da nossa sociedade capitalista baseada no consumo, exclui grande parte da população do direito ao lazer.

Para contribuir com o tema Turismo Urbano, Castrogiovanni (1999, p.23) afirma que:

o espaço urbano não é construído para uma pessoa, mas para muitas, que apresentam diferenças de temperamento, formação, ocupação profissional, origem étnica, diversidade social e, portanto, interesses.

A cidade então expressa, através da arquitetura, do ordenamento e dos seus fluxos a multiplicidade sociocultural. Ao mesmo tempo, o capitalismo produz um tipo de espaço, “um espaço instrumental” que reproduzirá as trocas e as relações de produção (CASTROGIOVANNI 1999, p.24) na cidade. Para o autor, “o espaço capitalista é um mundo de interesses que nem sempre representa a maioria” (*ibidem* p.24)

Ao pensarmos na influência do capitalismo na ordenação e uso dos espaços e conseqüentemente nas cidades, há um conceito que não pode ser esquecido: o poder. Para Castrogiovanni (1999, p.24):

Alguns construtores parecem ter mais direitos no processo de elaboração do *design* das cidades. Na realidade, o que possuem é mais poder, pois a cidade é um produto da sociedade e, numa sociedade de classes, alguns grupos adquirem maior ascendência sobre a configuração do espaço urbano(...).

É interessante pensar como essas relações de poder e de interesses do capital se dão em espaços que seriam a princípio, símbolos da democracia e do coletivo (a praça é do povo (?)).

Ainda que concordemos com Gastal (1999) quando afirma que a cidade concentra diversas opções de lazer, como gastronomia, teatro, música, cinema, artesanato, centro de compras, etc., e que isso reforça a imagem da cidade como destino turístico preferencial, procuramos aqui privilegiar o estudo de possibilidades de lazer que não estejam ligadas à compra, nem à iniciativa privada (ao menos não diretamente.)

Partimos então do pressuposto de que esses espaços públicos são de grande importância para a qualidade de vida nas cidades e de que podem cumprir um papel relevante na democratização do lazer de moradores e visitantes. Assim, justificamos a busca por conhecer de que forma os usos desses espaços ganham significados através de seus freqüentadores.

Na análise do espaço urbano, em especial para fins de planejamento turístico, Castrogiovanni (1999) chama a atenção para alguns elementos marcantes das cidades. Um deles, o autor identifica como “pontos de encontro”, que seriam locais onde se encontram habitualmente inúmeras pessoas. Segundo o autor:

Os *pontos de encontro* (grifo do autor) podem estar associados às edificações ou aos espaços abertos: uma igreja, um clube de mães, uma cancha de bocha, uma rua, uma praça, uma feira(...) Aqui, é possível sentir os movimentos do lugar, os seus valores próprios que podem ser

capitalizados pelas diferenças. (*ibidem* p.28-29)

Os locais escolhidos para este estudo – Praça Cel. Pedro Osório e Avenida Dom Joaquim - são considerados pontos de encontro de Pelotas. Diferentes pessoas com diferentes propósitos freqüentam estes lugares, dando significados a esses espaços e as diferentes trocas que ali ocorrem. Podemos pensar que para os moradores da cidade que freqüentam estes pontos de encontros quando o fazem reforçam a idéia do ser “nativo”, já os visitantes podem estar em busca de conhecer o que são e o que fazem os “nativos”, uma forma de vivenciar a autenticidade (MacCannell 1989) de cada cidade.

Porém, o “nativo” e o “visitante” não são grupos fechados e homogêneos, são múltiplos em suas formas de ser e de se expressar também quando freqüentam estes espaços. E são justamente estas formas de viver os espaços públicos de lazer da cidade de Pelotas que interessam a esta investigação.

Metodologia – o método etnográfico para entender a cidade

Quanto ao uso do método etnográfico em estudos urbanos, Durham (1986, p.19) diz que “esse tipo de investigação tem uma longa tradição na antropologia brasileira. (...) trata-se de pesquisas que operam com temas, conceitos e métodos da antropologia, mas voltados para o estudo de populações que vivem nas cidades”. A citação de Durhan desafia especialmente pelo uso da palavra tradição, pois de imediato desmonta a idéia daquela Antropologia interessada somente em culturas distantes, ou em sociedades tribais, “simples”, e avança na idéia de que a Antropologia já se consagrou nos estudos urbanos, a tal cidade, em um primeiro momento, tão próxima e conhecida dos pesquisadores.

A Antropologia mostra-se então como a entende La Plantine, “um olhar, um certo enfoque que consiste em: o estudo do *homem por inteiro*; o estudo do homem em *todas* as sociedades sob *todas* latitudes em *todos* os seus estados e em *todas* as épocas” (LAPLANTINE 2005, p.16).

Neste sentido, nos ajudou muito os estudos de Magnani (1996) sobre o lazer na cidade de São Paulo e os conceitos que o autor fundamenta para compreender as diferentes relações entre as pessoas, e delas com o espaço. Segundo o autor:

A Antropologia, lá ou cá, na floresta ou na cidade, na aldeia ou na metrópole, não dispensa o caráter relativizador que a presença do ‘outro’ possibilita. É esse jogo de espelhos, é essa imagem de si refletida no outro que orienta e conduz o olhar em busca de significados(...) (MAGNANI 1996, p.5)

No estudo sobre a realidade dos centros urbanos, Magnani (1996) coloca algumas questões que foram tornando-se relevantes para entender os grupos das cidades e sua dinâmica: “Quem são? Onde moram? Em que acreditam? Como passam seu tempo livre?” (*ibidem* p.10).

Para compreender o lazer nos espaços públicos buscamos ir além daquela dicotomia que propôs DaMatta (1986) entre a casa e a rua, pois a rua não é só “o lugar da luta”, pois ela guarda espaços intermediários aos quais Magnani (1996) conceitua como pedaço:

Designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (*ibidem* p.13).

No caso do pedaço, há então um compartilhamento de valores e códigos e afinidades entre as pessoas do grupo, que constroem sua relação com determinado espaço, porém como afirma Magnani (1996, p.21) “com facilidade muda-se de ponto, quando então ‘leva-se junto o pedaço’”. Ou seja, o espaço só ganha significado como pedaço porque os atores assim lhe atribuem.

Ao escolhermos espaços maiores como a Praça e a Avenida Dom Joaquim, optamos por compreendê-las como manchas de lazer. A mancha

apresenta uma implantação mais estável tanto na paisagem como no imaginário. As atividades que oferece e as práticas que propicia são o resultado de uma multiplicidade de relações entre seus equipamentos, edificações e vias de acesso – o que garante uma maior continuidade, transformando-a, assim, em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários (MAGNANI 1996, p.21).

Então a Praça e a Dom Joaquim podem ser entendidas como manchas de lazer que guardam no seu interior diferentes pedaços.

Para o início do trabalho de campo desta pesquisa, procedemos com a observação sistemática desses locais e propusemos algumas categorias, inspiradas no

estudo de Magnani (1996), para direcionar estas observações: “atores, cenários e regras”; ou ainda, em nossas formulações, tempos, espaços e formas de ser e estar.

Observações preliminares das experiências de campo

Avenida Dom Joaquim

A Avenida Dom Joaquim localiza-se em uma área residencial de classe alta da cidade de Pelotas, relativamente próxima ao centro da cidade (em torno de dez quadras). Ela se caracteriza por ter um canteiro central bastante largo, com gramado e com algumas árvores, arbustos e bancos espalhados ao longo de cerca de 2km de extensão. É tradicionalmente um espaço para caminhada, para corrida e também para o chimarrão e a roda de bate-papo. Tem se tornado nos últimos anos ponto de divulgação de festas jovens, geralmente produzidas por cursos universitários e de outras divulgações, como “campanhas de conscientização”, ou eventos de promoções do jornal local.

Ao longo da Avenida concentrou-se também um comércio bastante elitizado que vai desde lojas de móveis até artigos esportivos, loja de calçados e uma academia de ginástica envidraçada, entre outros. Há ainda um posto de gasolina, que abriga muitos carros, motos e jovens interessados também nas bebidas comercializadas no bar estilo 24h. Também há um bar-restaurante, que tem sua matriz no centro da cidade, a qual sempre foi considerada um local tradicional de Pelotas, cultivando um estilo “boteco”. A instalação, bem mais recente, nos arredores da Dom Joaquim de um novo bar-restaurante da mesma rede revelou um estilo bem mais sofisticado que o do centro, e talvez como consequência, um público de maior poder aquisitivo e mais jovem.

As primeiras observações, especialmente aos finais de semana, nos revelam um público predominantemente jovem que se distribui em diversos pontos da Avenida, sendo possível identificar diferentes grupos com diferentes interesses. Ao contrário do que a idéia de “um dia para relaxar no parque” pode sugerir observou-se grande preocupação na forma de se vestir e arrumar-se para frequentar a Avenida. Houve uma situação, vivenciada por uma das integrantes do grupo de pesquisa, que confirma esta primeira observação. Presente em um almoço de aniversário os convidados são surpreendidos pela entrada de uma adolescente de dezesseis anos chorando. A maior

surpresa (ou não?) viria com o motivo dado pela moça para a sua tristeza: não tinha roupa para ir à Dom Joaquim, pois não poderia usar a mesma do domingo passado.

Nas entrevistas, os freqüentadores revelam não ter uma única procedência, são moradores do entorno, como também de bairros mais afastados dali, além de turistas e visitantes. Uma das motivações principais em freqüentar este espaço que aparece nas entrevistas é relacionada a encontrar os amigos e ver pessoas. Também é possível perceber um outro tempo marcado pela velocidade lenta dos automóveis que ali passam, ela é compatível com o tempo necessário para observar quem está lá e ao mesmo tempo ser visto.

“É, é mais pelo movimento mesmo, amizade, conhecer gente nova vem bastante gente conhecida aqui. A gente se reuni também antes de festa aqui de noite pra bebê”. (jovem de 19 anos, entrevista concedida em 19/04/2008).

Na fala do rapaz aparece por um lado a possibilidade de conhecer pessoas novas naquele espaço, por outro lado ele reforça os laços entre os amigos, mostrando que ali também é seu pedaço.

No caso deste homem de 32 anos, também fica claro a ligação com a rede de amigos e o lugar:

“É venho sozinho, mas geralmente eles (os amigos) tão aqui...” (Entrevista concedida em 19/04/2008).

Ao ser questionado do porquê as pessoas freqüentavam a Dom Joaquim, ele reforça a idéia do pedaço:

“Ahhh acho que é isso, encontrar os amigos”.

Um casal de namorados conta que o espaço da Dom Joaquim além de ser ponto de encontro é também um local para combinar outros programas para o fim-de-semana: “Sempre sai alguma coisa depois, sempre tem continuidade”. (Moça de 19 anos. Entrevista concedida em 19/04/2008)

A despeito dos signos diversos que remetem ao consumo, algumas pessoas reforçam sua presença ali pela gratuidade do espaço:

“Ambas moramos perto por isso não viemos de carro, não costumamos marcar nada de festa pra depois, principalmente pela falta de dinheiro”. (Jovem acompanhada de uma amiga, 25 anos. Entrevista concedida em 19/04/2008)

Já uma senhora de 53 anos, conta que está visitando Pelotas e que gosta de ir na Dom Joaquim mesmo que para ela seja um lazer “mais para jovem”. Ela afirma: “Eu gosto, é estilo ‘parcão’ lá em Porto Alegre”, fazendo referência ao um parque de Porto Alegre que também se localiza em uma área nobre da capital. Assim como ela e a amiga, outros freqüentadores estão numa faixa etária maior, porém estes se dedicam mais aos exercícios físicos e não tanto em ficar em grupos conversando.

Há também uma dinâmica da escolha do lugar para ficar. “a gente só ficava naquela ponta ali, sempre, queria nos achar a gente tava ali” (Casal de namorados, 19 e 20 anos. Entrevista concedida em 19/04/2008). Já outro rapaz de 20 anos, explica que a escolha do lugar para ficar na Dom Joaquim se dá em função da liberdade em fumar maconha:

“Eu venho aqui porque é melhor de fumar uma coisa mesmo, pra fumar é mais tranqüilo, não tem ninguém enchendo o saco. Eu fico onde tem espaço livre pra fumar, não tem uma seda aí vocês, uma seda? Não querem fumar?”(Entrevista concedida em 19/04/2008)

Ao longo das conversas pode-se identificar uma demarcação espacial para as pessoas que cultivam o hábito de fumar maconha na Dom Joaquim, este espaço é chamado pelos freqüentadores da Avenida de “Jamaica”.

A pesquisa está ainda em um estágio bastante preliminar, mas já é possível apontar alguns elementos interessantes sobre os usos e as formas de ser e estar neste espaço público de lazer.

Em primeiro lugar, podemos pensar sobre as diferentes forças de poder das quais falou Castrogiovanni que interferem na construção do espaço. É possível perceber

claramente um contraste na paisagem dos arredores da Dom Joaquim ao compará-la com a maior parte da cidade. As casas grandes e os prédios luxuosos, a grama bem cortada e a boa manutenção urbanística da Avenida contrastam com a maior parte dos espaços públicos de Pelotas. As lojas com *design* moderno, e produtos de marca se diferenciam das lojas do centro da cidade, no “calçadão” de lajotas quebradas e água parada.

Ao contrário do que a gratuidade do espaço possa sugerir, os valores consumistas estão sempre presentes, não só pelo apelo do comércio em si, mas pela própria exigência com as roupas e a aparência que subjetivamente os frequentadores compartilham. Próximo dali (cerca de 500m) há uma vila de moradores de classe baixa, que apesar da proximidade, não frequentam a Dom Joaquim. Não há impedimentos físicos, nem financeiros, mas uma construção simbólica de quem faz dali o seu pedaço. Curiosamente, nem mesmo os meninos de rua, espalhados por toda a cidade, aparecem por ali.

Até agora, podemos afirmar que certamente este espaço público cumpre um importante papel na vida dos seus frequentadores, ao propiciar uma área de lazer, de fazer exercícios, de ficar, de reforçar os laços sociais, etc. Dada a precocidade do estudo, fica ainda duas principais questões: avançar mais neste estudo aprofundando a formação e trocas nos diferentes pedaços e posteriormente, verificar a existência e os usos de outros espaços públicos em bairros periféricos ao centro de Pelotas.

Praça Coronel Pedro Osório

A Praça Coronel Pedro Osório situa-se em pleno Centro Histórico da cidade de Pelotas, lugar por excelência do olhar do turista em visita à cidade, e lugar importante para muitos trabalhadores do Centro.

Nos últimos anos recebeu investimentos e foi revitalizada devido ao Programa Monumenta⁸, as principais melhorias foram no calçamento, nos banheiros, a iluminação, os novos brinquedos da pracinha e a restauração da Fonte As Nereidas (trazida da França em 1873). Estas obras contribuíram muito para aumentar o número

⁸ Programa do Ministério da Cultura com investimentos do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID e o apoio da Unesco para restauração de bens de interesse histórico. Para saber mais: www.monumenta.gov.br

de pessoas que freqüentam a Praça.

Nossas observações preliminares indicam um grupo bastante heterogêneo de freqüentadores, o que enriquece muito a experiência de “estar na praça”. Ela é passagem constante de transeuntes e trabalhadores especialmente nos dias em que o comércio está aberto, pois está a uma rua de distância do “calçadão” do centro.

Há também diversas pessoas que fizeram da Praça seu local de trabalho, como um senhor que tira foto de crianças em cavalos de madeira, um pipoqueiro, os flanelinhas do entorno e um grupo de aproximadamente cinquenta mulheres que tem na Praça seu ponto de prostituição.

Os bancos da praça acomodam os apreciadores do chimarrão, os casais de namorados, trabalhadores em horário de intervalo, amigos, meninos de rua. Um dos cantos da Praça consagrou-se como o pedaço dos senhores aposentados que costumam jogar Dama até quando a luz do sol permite.

Nos finais de tarde e em especial nos finais de semana, é quando a pracinha tem maior movimento de pais e crianças. O domingo parece ser o “dia do papai” já que aumenta consideravelmente o número de pais que levam os seus filhos.

A praça é também referência para os turistas da cidade, ali é um lugar privilegiado para olhar os prédios históricos que circundam toda a Praça: o Grande Hotel, a Prefeitura Municipal, a Biblioteca Pública e muitos outros casarões dos tempos áureos da produção do charque no século XIX e XX. A Fonte As Nereidas não só é alvo do olhar do turista, mas dos *flashes* que buscam confirmar e concretizar este olhar.

As observações da Praça Cel. Pedro Osório ainda bastante preliminares, de qualquer maneira, nos apontam para um espaço de lazer e de significação histórico-cultural muito importante. A diversidade do público associa-se com aquela idéia da Praça como espaço de estar “com todos” que nos fala Saldanha (2005). Também o fato de ser palco de promoções e eventos sempre de caráter gratuito, como a Feira do Livro, por exemplo, reforça o sentido de espaços públicos serem propiciadores de lazer e bem estar para os moradores e visitantes da cidade.

Certamente, os investimentos dos últimos anos no local ganharam força já que ali é um lugar potencialmente turístico e ressignificado a partir dos discursos e das práticas de preservação patrimonial. Mas é necessário dizer, que a cidade é bastante carente em espaços públicos de lazer com infra-estrutura adequada e estes investimentos foram instantaneamente reconhecidos pela população que volta a frequentar o espaço da praça, como local de ficar.

Algumas Considerações

Ainda é muito cedo para conseguirmos conhecer satisfatoriamente os usos e os significados atribuídos pelos frequentadores a estes espaços públicos de lazer. Mas conseguimos reafirmar nosso pressuposto da importância destes espaços para as redes de sociabilidade, para o lazer, e para as trocas diversas dos grupos. Podemos vê-los como afirma Castrogiovanni (1999) como pontos de encontro e neles encontramos parte dos modos de ser dos moradores e dos turistas da cidade.

O poder e os interesses do capital parecem sim influenciar a construção e os significados desses espaços, o fato de serem públicos não os isenta do atravessamento do sentido capitalista. Dentre outros muitos espaços da cidade, estes se revelam privilegiados na manutenção, na infra-estrutura nos investimentos privados, também porque oferecem visibilidade política e possibilidade de retornos financeiros, seja pelo comércio, seja pelo turismo.

Porém, é importante ressaltar que dizer que os sentidos do capital atravessam estes espaços não é retirar deles sua importância como espaços públicos e gratuitos, ou seja, ainda que sejam modelos ideais, o jardim e a praça, guardam suas diferenças e elas são definidoras do que é mais ou menos democrático. É dizer que vale a pena planejar e incentivar os espaços públicos de lazer!

Encerramos este texto com a perspectiva de que o Grupo de Pesquisa “Turismo Lazer nos Espaços Públicos de Pelotas” dê continuidade a esses estudos e possa contribuir para pensar as cidades como bons destinos – para seus moradores e seus visitantes.

Referências

CASTROGIOVANNI, A. C. Turismo e ordenação no espaço urbano. In: _____; GASTAL, S. (orgs). Turismo Urbano: cidades, sites de excitação turística. Porto Alegre: Edição dos Autores, 1999.

DA MATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DURHAM, Eunice. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In CARDOSO, Ruth (org). A aventura Antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GASTAL, S. O produto cidade: caminhos de cultura, caminhos de turismo. In: _____; CASTROGIOVANNI, A. C. (orgs). Turismo Urbano: cidades, sites de excitação turística. Porto Alegre: Edição dos Autores, 1999.

KRIPPENDORF, J. Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001.

LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MACCANNELL, Dean. Remarks on the Commodification of Culture. in: SMITH, V. L.; BRENT, M. (orgs.). Hosts and Guests revisited: Tourism issues on the 21st century. California State University: California, 2001.

MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 17, n. 49 - São Paulo, junho de 2002 (disponível em: <http://www.n-a-u.org/DEPERTOEDEDENTRO.html>. Acessado em 07/03/2007)

MAGNANI, José Guilherme. Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole. In MAGNANI, José Guilherme e TORRES, Lílian de Lucca (orgs.). Na metrópole – Textos de Antropologia Urbana. Edusp: São Paulo, 1996. (Disponível em: <http://www.n-a-u.org/QUANDOOCAMPOCAPI.pdf>. Acessado em 28/04/2008).

MEDEIROS, Ethel B.. O lazer no planejamento urbano. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1975.

ROLNIK, Raquel. O lazer humaniza o espaço urbano. *in* Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: Serviço Social do Comércio (SESC), 2000.

SALDANHA, Nelson. O jardim e a praça: o privado e o público na vida social e histórica. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.

